

# A internet como instrumento e seu papel na formação do leitor

## The internet as an instrument and its role in the reader formation

Adriana Pastorello Buim Arena<sup>1</sup>

### Resumo

Esta reflexão parte da existência de um novo fenômeno, a cibercultura, que implementa um novo espaço de leitura, com ferramentas que possibilitam a construção de novas práticas, interferindo e modificando a constituição do leitor em formação. A leitura *on-line* é o objeto de análise deste artigo, visando compreender e discutir os indícios que se destacam nas práticas que a envolvem para levantar questões e reflexões sobre novas tecnologias emergentes no contexto social e, particularmente, no escolar.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Leitura *on-line*. Cibercultura.

### Abstract

This reflection begins with the existence of a new phenomenon, the cyber culture, which gives a new space for reading, with tools that allow the construction of new practices, interfering and modifying the formation of the reader in process. On-line reading is the subject of this article, which main goal is to comprehend and discuss the signs that stand out on those reading practices to bring up questions and reflections over new technologies that emerge on the social context and specially, the scholar one.

**Keywords:** primary school. on-line reading. cyber culture.

---

1 Doutora em Educação. Professora Adjunto I da Universidade Federal de Uberlândia, na Faculdade de Educação (FACED) e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Endereço para correspondência: Av. João Naves de Ávila, n. 2.121, Santa Mônica. Brasil. CEP 38.400-902. Telefone (34)3239-4163. E-mail: [adriana@faced.ufu.br](mailto:adriana@faced.ufu.br)

## Introdução

Este artigo resulta de reflexões feitas durante um trabalho de pesquisa realizado em escolas públicas, com o objetivo de verificar e compreender quais os procedimentos utilizados por alunos de 10 anos de idade, quando lhes eram apresentadas situações de leitura de jornais pela Internet e pela forma clássica, com o material impresso diante dos olhos.

Uma das conclusões à qual chegamos com a investigação, finalizada em 2008, indicou que os alunos, razoavelmente acostumados a ler jornal impresso, ao entrarem no mundo do jornal virtual, utilizavam procedimentos e percursos semelhantes aos empregados no mundo material. Outra dedução foi que eles sabiam lidar com o *mouse* e com a máquina, mas não sabiam lidar com o gênero jornal *on-line*. A partir dessas descobertas, algumas questões de natureza teórica puderam ser aprofundadas, dentre as quais o entendimento do conceito de instrumento e sua utilização histórica pelo homem. Nessa direção, este artigo tem por objetivo enfrentar esse debate.

O assunto de discussão inicial diz respeito a como ensinar os alunos a ler na tela do monitor, lançando mão de estratégias próprias para esse tipo de leitura. Em relação a isso, é preciso discutir dois pontos que consideramos relevantes. Primeiro, que a leitura é mediada por três variáveis, o sujeito; o texto, suporte socialmente elaborado que aponta para a terceira delas, as experiências e os conhecimentos acumulados historicamente para a constituição dos objetos. Segundo, que os professores, ao constatarem que os alunos brincam com jogos, enviam *e-mails* ou batem papo pelo MSN com uma destreza que muitas vezes vai além da apresentada por eles mesmos, julgam que esses educandos já se apropriaram da nova forma de comunicação. Sendo assim, não haveria motivo para ensiná-los sobre a natureza do mundo digital e as estratégias específicas de busca.

Em relação ao primeiro caso, podemos afirmar que a escola tem valorizado a primeira variável, o sujeito, e se esquecido de, dialeticamente, reconhecer as outras que intrinsecamente constituem o ato de ler. Quanto ao segundo caso, é falacioso inferir que, por saber usar o computador, o aluno sabe também usá-lo para ler.

Com o intuito de desenvolver e aprofundar as teses colocadas nesta introdução, o artigo faz um percurso teórico abordando, de início, o conceito de instrumento e de ferramenta, numa perspectiva marxista, e a relação dialética existente entre o homem e o instrumento de que este se serve para agir sobre o mundo. Nesse caso, ele pode lançar mão tanto da Internet quanto dos modos disponibilizados para através dela navegar, dos gêneros textuais nos hipertextos, especificamente o jornal *on-line*, instrumento de leitura culturalmente construído ao longo dos séculos sobre um objeto imóvel: o livro, o jornal impresso, a folha de papel.

Em seguida, inserimos-nos no reino da linguagem para discutir o conceito de gênero, na perspectiva bakhtiniana, e de sua relação com o leitor em formação. Compreendidos os conceitos necessários, o artigo dedica alguns parágrafos para discutir também o conceito de leitura e de leitor, todos eles componentes das variáveis mencionadas.

As conclusões indicam que os instrumentos envolvidos no ato de ler no mundo virtual trazem sempre os resquícios, marcas, procedimentos, estratégias e usos dos instrumentos produzidos historicamente no mundo material, porque, na história, a evolução é dialética. Os novos usos transformam os instrumentos e superam-nos, mas não os negam.

## 1. Sobre instrumentos e cultura

“O homem tornou-se homem através da utilização de ferramentas”, é o que afirma Fischer (1987). À medida que o homem, ao transformar a natureza, dela se apodera, descobre que seus desejos podem ser realizados, e essa descoberta gera novas necessidades. Nessa direção, ele pôde realizar algo que o diferenciava dos outros animais mamíferos - o trabalho -, atividade que se tornou própria da espécie humana.

A descoberta de que alguns instrumentos serviam para a realização de determinada atividade e não para outra, que podiam ser substituídos ou tornados mais eficientes ou, ainda, produzidos e não retirados imediatamente da natureza, tudo isso teve um papel essencial para que o *pré-homem* se tornasse *homem*. Segundo Fischer (1987, p. 22), “[...] não há ferramenta sem homem, nem homem sem ferramenta: os dois passaram a existir simultaneamente e sempre se acharam indissolúvelmente ligados um ao outro.”

Partindo desse princípio histórico, o homem tomava o seu lugar na natureza, não mais esperando o que ela podia lhe oferecer, modificando-a cada vez mais para satisfazer às próprias necessidades. Desencadeou-se, então, a crescente *humanização* dos homens pelos objetos humanizados e, com isso, a dinâmica das novas necessidades.

A linguagem, um instrumento importantíssimo de interação, também surgiu da necessidade criada por outros instrumentos. Foi no e pelo trabalho que os homens passaram a ter muito a dizer uns para os outros. Nessa perspectiva, mediante o acúmulo de experiências e conhecimentos de diferentes ordens, a linguagem devia tornar-se cada vez mais complexa para expressar conhecimentos igualmente mais complexos. Então, dialeticamente, foi “[...] o homem tornando-se homem juntamente com o trabalho e a linguagem, de modo que nem o homem, por seu lado, nem o trabalho ou linguagem, por sua vez, vieram primeiro.” (FISCHER, 1987, p. 34).

Portanto, sem o trabalho, sem a experimentação dos instrumentos, o homem jamais poderia ter se desenvolvido plenamente como homem, a cujo conceito sobressaem como características humanas a abstração e a linguagem. A necessidade

de comunicação é vital ao homem por sua própria natureza, em constante desenvolvimento. E ele continua criando instrumentos para satisfazer as suas necessidades, que, ao mesmo tempo, impulsionam o desenvolvimento da linguagem e seus suportes de comunicação, que refratam no próprio pensamento humano.

## 2. Sobre o gênero do discurso

Ao centrar a atenção no sujeito durante o processo de apropriação da leitura, a escola desconsidera as outras variáveis que sustentam o ato de ler. Assim como compreender a natureza do sujeito e do meio social em que vivem, é também importante conhecer a natureza dos gêneros textuais.

Schneuwly (2004) adverte que o gênero textual é um instrumento, no sentido marxista do termo, por ser um fator de desenvolvimento das capacidades individuais. Para Marx e Engels (2005, p. 109), “[...] a apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos.”

Todo instrumento, enquanto objeto socialmente elaborado, a exemplo da escrita impressa e digital, ao ser usado, define o comportamento do leitor. Mas, como novas necessidades também geram novas transformações no instrumento, estas, por sua vez, também provocam alterações no comportamento do sujeito. O texto impresso exige determinados comportamentos de leitura, e o texto digital requer outros. Eles não são um único instrumento, mas dois instrumentos diferentes que provocam atividades e comportamentos de leitura diferentes. “Um instrumento medeia uma atividade, dá-lhe uma certa forma, mas esse mesmo instrumento representa também essa atividade, materializa-a.” (SCHNEUWLY, 2004, p. 24).

Para Bakhtin (2003), os gêneros, embora sejam “mutáveis e flexíveis”, têm certa estabilidade, porque definem aquilo que será dito, assim como o que será dito exige a escolha de um gênero. A apropriação do instrumento pela criança provoca novos conhecimentos e saberes, as novas possibilidades norteando e orientando suas ações. A escrita é produto do meio social, de sorte que deve haver uma correspondência entre os signos linguísticos sociais exteriorizados pela palavra escrita e os signos internos da criança, também gerados pela ideologia social do contexto em que está inserida.

Na visão de Solé (1998, p. 86), é importante que professores e alunos saibam diferenciar os gêneros textuais, pois:

[...] a estrutura do texto oferece indicadores essenciais que permitem antecipar a informação que contém e que facilitam enormemente sua interpretação [...] Não se trata

tanto de ensinar que isto é uma narração e aquilo um texto comparativo, mas de ensinar o que caracteriza cada um destes textos, mostrar as pistas que nos conduzem à sua melhor compreensão e fazer com que o leitor adquira consciência de que pode utilizar as mesmas chaves que o autor usou para formar um significado, porém desta vez para interpretá-lo.

Esse saber pode proporcionar um vasto campo de possibilidades ao professor para ensinar os alunos a selecionar e organizar os fatos, comparando-os e criticando-os, a fim de desenvolverem estratégias e processos mentais que contribuam para a realização de uma leitura significativa, na qual ambos, alunos e leitura, estejam inseridos no fluxo linguístico, que é social e dinâmico. Podemos pensar dessa forma ao considerarmos o ser que observa e que se relaciona com o fenômeno, ou com o fato real, como um indivíduo histórico que examina a realidade a partir de sua atividade com o meio e com os outros homens, tendo determinados interesses e objetivos no conjunto de relações sociais vivenciadas.

Na leitura, o homem desenvolve o pensamento abstrato em busca da essência, da realidade. Antes de iniciar o ato de ler, ele deve pressupor que “[...] existe uma oculta verdade da coisa, distinta dos fenômenos que se manifestam imediatamente.” (KOSIK, 1976, p. 13). O exercício de ler compreendendo o fenômeno é a busca pela essência, pela realidade, pois o que está ao alcance do homem é apenas o fenômeno, ou seja, o jeito como o fato aparece.

Assim como a sociedade passou por alterações sociais, históricas e culturais até aprender a utilizar a tecnologia do impresso em toda sua potencialidade, experimentando avanços e retrocessos, a sociedade contemporânea tem disponível outra tecnologia, o impresso no mundo virtual, que os leitores ainda estão aprendendo a utilizar igualmente em toda a sua potencialidade. Para o instrumento desconhecido muitas vezes eles lançam mão das mesmas estratégias utilizadas na tecnologia do impresso, pois ambas convivem no mesmo espaço temporal.

Como já dissemos, a leitura do texto na tela não é desconhecida, mas sua essência ainda guarda informações inacessíveis para muitos usuários, que, apenas com o contato com a máquina que a produz, o computador, não conseguem se apropriar dessa essência. O processo é lento, gradual e dialético, pois, ao mesmo tempo em que se estuda o objeto, no caso, a Internet, local virtual onde o texto *on-line* pode ser lido, ela se desenvolve e muda, às vezes, muito mais rapidamente que o próprio pesquisador, por estar ligada à sociedade e a sua economia. Castells (2003) avalia que, as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer que seja ela, à medida que dela fazem uso. A comprovação desse argumento reside na própria história social da tecnologia, impressa ou virtual.

O uso da Internet, abordado em toda a sua complexidade com os alunos, irá conduzi-los a desenvolver, com maior entusiasmo, rapidez e autonomia, estratégias de leitura próprias de verdadeiros leitores. Devido ao caráter diversificado em relação aos gêneros de escrita e aos múltiplos referenciais de realidade social presentes na WWW, os alunos poderão estabelecer relações entre a escola e a sociedade, discutindo informações do mundo que as cerca diariamente, e se apropriar de uma das grandes ferramentas que favorecerá cada vez mais o desenvolvimento do pensamento abstrato.

Para isso, é preciso que eles conheçam a natureza e as características próprias desse instrumento, para que, esclarecidos sobre os gêneros textuais e a formatação do suporte, possam transitar facilmente nesse meio de comunicação em busca de informações. A Internet veicula diferentes gêneros textuais, e partilhar essa informação com o estudante facilita a escolha da estratégia a ser utilizada quando, enquanto leitor, se põe à procura um texto. Diante do que se tem para escrever, escolhe-se o gênero compatível, lembrando que a estrutura do texto de um artigo de opinião é diferente da que compõe um conto, uma poesia. A esse respeito, Bakhtin (2003, p. 262) pondera que “[...] o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação [...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas.”

Tavez seja a Internet o terreno mais fértil para toda essa diversidade de que fala o estudioso.

### 3. Os instrumentos na escola

Este tópico não pretende descrever uma sequência de atividades didáticas que deva ser reproduzida da mesma maneira pelo professor; antes, oferece sugestões de ampliação dos planos de aula em relação ao ensino da leitura na tela do computador. Muitas escolas ainda não possuem os recursos necessários para a realização de aulas dessa natureza, mas, desde que se conheçam as necessidades materiais para a concretização de um bom trabalho, será possível avançar gradualmente nas conquistas por um ensino de boa qualidade.

Mais do que citar em planos de ensino o uso do laboratório de informática ou as pesquisas pela Internet, é necessário pensar estratégias pedagógicas que possibilitem o uso da ferramenta com maior compreensão de sua natureza. E o diálogo firmado entre professor e alunos será guiado pelas diferentes experiências e conhecimentos individuais. Ler na tela é diferente de montar um gráfico no

*Excel* ou digitar um texto no *Word*, de forma que o professor deve considerar, entre os alunos, a existência de domínios diferentes tanto da leitura quanto do uso da internet. Alguns alunos podem ser decodificadores da língua, mas não leitores; outros podem usar a Internet com muita agilidade para a comunicação com os amigos ou para visualizar gravações no *You Tube*, mas não para a busca de um texto específico que dê suporte a um trabalho escolar.

Em face do exposto, seria incoerente apresentarmos neste artigo práticas didáticas engessadas para professores, que, desse modo, podem recorrer a alguns dos itens aqui desenvolvidos para o planejamento de suas atividades.

#### 4. Escrita e leitura: evolução histórica dos instrumentos

Vários foram os tipos de relação com o saber desenvolvidos pela humanidade. Antes da escrita, o homem encarnava o próprio saber, qual o pajé de uma tribo. Com o surgimento da escrita alfabética, quem continha o saber era o livro, e, com o advento da imprensa, quem armazenava o conhecimento não era mais o livro e sim a biblioteca.

Parente (1999) verifica que a transformação da forma de ler começou a acontecer mais significativamente a partir da Alta Idade Média. Até então, para a grande maioria, mesmo para o leitor culto, a leitura significava a oralização do texto. A passagem para a leitura silenciosa, que começou nos mosteiros, foi uma grande revolução. O novo hábito se enraizou, sobretudo, a partir do século XII, com a escolástica e com o desenvolvimento das universidades.

De acordo com o autor, antes dessa profunda mudança, o leitor, de certa forma, era um analfabeto. Dois motivos justificam essa afirmação: o primeiro, que a leitura poderia ser feita por um escravo para que o seu senhor, no caso, um ouvinte, não se cansasse demasiadamente; e o segundo, que, para entender o texto, o leitor teria de lê-lo em voz alta, conduta esta que, na verdade, já estava incorporada nas tradições da sociedade.

Hoje, a leitura não é feita por um escravo e sim pela professora, que, embora não peça para o aluno ler em voz alta, escolhe o que ele deve ler. Especificamente em relação à leitura na rede, podemos dizer que o estudante, quando acessa um endereço indicado pela professora, cumpre a tarefa muitas vezes importante de verificar um conteúdo já abordado em aula, mas em nenhum momento se dedica a lê-lo. Apesar de seus olhos passarem pela tela do monitor, não é ele que seleciona ou combina fragmentos, ou rearticula idéias, para apreender a pluralidade de significações que o suporte oferece.

Segundo Parente (1999, p. 87), ler:

[...] consiste em selecionar, resumir, hierarquizar, esquematizar, tendo em vista a construção de uma rede de relações internas e externas ao texto - intertextualidade. Todo texto se reporta a outros textos, mas também a uma imensa reserva fluante de signos, imagens e desejos que nos constituem e que contribuem para a construção de seu sentido.

A busca realizada pela professora terá sempre as marcas subjetivas de uma rede de relações internas e externas ligadas ao texto e permeadas por sua formação histórica e cultural. Ressaltemos que as práticas de leitura mudaram ao longo da história, e, nesse contexto de mudanças, o livro demorou muito para se tornar este instrumento tal como atualmente é utilizado. Da tábua ao rolo, do rolo ao códice e, agora, às telas. Da leitura da tábua à leitura do rolo e da leitura do rolo à leitura do códice muitas práticas foram sendo modificadas em função das alterações implicadas nas formas de armazenamento da tecnologia da escrita, dentre as quais a tela é a mais atual.

As redes eletrônicas distribuem os textos de um modo até então nunca apresentado. Assim como o códice tornou o rolo uma tecnologia mais acessível (virá-las é mais fácil do que abri-lo), a tela possibilita ainda mais agilidade na busca de informação que o códice ou o livro no formato como o conhecemos hoje. No processo de apropriação dessa nova maneira de armazenamento de informações, possivelmente ocorrerão diversas práticas de leitura; as antigas aparecerão no manuseio do novo suporte.

O processo dialético de mudança contínua entre leitor e suporte implica desdobramentos tanto no leitor quanto na tecnologia da escrita. Ao escolher o *site* para o aluno, o professor desconsidera a forma não linear de leitura, característica marcante dessa nova tecnologia.

## 5. Modos de ler

Como nos diz Smith (1989), as informações captadas pelos olhos são imensamente expandidas pelo conhecimento que o cérebro já possui. O acesso à informação visual é uma parte importante e necessária para a leitura, que, a propósito, pode ser realizada também por vias colaterais, quando, por exemplo, o leitor apresenta deficiência visual e lê pelas mãos, adotando o sistema Braille. Entretanto, as marcas gráficas podem ser referentes a um texto em outra língua, ou a termos específicos de uma área do conhecimento à qual o leitor ainda não tenha tido acesso ou, na verdade, desconheça. Neste caso, a informação captada pelos olhos não basta, porque, sem o conhecimento adquirido, não se estabelece a interação entre o leitor e o texto.



Ao pedir que o aluno leia, o professor exige que este acione dois tipos de conhecimentos: sobre a estrutura gramatical da língua e, em especial, sobre o conjunto de informações que o estudante acumulou ao longo de sua experiência pessoal a respeito do tema da leitura. Caso o educando não possua esses pré-requisitos, a leitura não acontecerá, pois ele conseguirá somente estabelecer uma correspondência entre a sequência sonora e as palavras escritas no texto. A capacidade leitora e o grau de profundidade da compreensão de um indivíduo vão crescendo juntamente com a sua trajetória nas experiências de leitura, envolvendo os múltiplos gêneros em sua língua ou em língua estrangeira.

Segundo Arena (2006, p. 415),

A compreensão é base, é processo, é intenção, que são procedimentos constituintes da ação de ler, e criadores e produtores de um objeto imaterial, existente nessa relação efêmera entre o leitor e o texto a que se dá o nome de leitura. A leitura, assim compreendida, não estaria fora do sujeito, materializada nos livros ou em qualquer outro material impresso: está na relação do homem e com o mundo impresso. Virtual e imaterial, é criada pela intenção que tem o leitor de compreender e se transformar ao transformar o próprio modo de pensar e de organizar o conhecimento desse leitor. O processo de ler não atingiria o seu ponto bom quando o leitor atribui, no limite de seu conhecimento e de suas capacidades, sentido ao texto, mas quando transforma o pensamento e o modo de pensar do leitor, porque, se assim não fosse, de pouco serviria aprender e saber ler.

É necessário repensar, por isso, o ato de ler com base em três variáveis: o sujeito, o texto em seu suporte socialmente elaborado e as experiências e conhecimentos acumulados historicamente. Sabe-se que “[...] não existe uma condição mental única de ‘prontidão para a leitura’. As crianças estão prontas para aprender sempre que têm um objetivo e oportunidade inteligível para a leitura.” (SMITH, 1989, p. 251). Sendo assim, é preciso que a elas sejam dados espaços durante as aulas para o estabelecimento da relação dialógica do conhecimento e que, nessa dinâmica, o professor conduza a troca de experiências entre os alunos.

## 6. O mundo virtual e os instrumentos

Os alunos devem compreender que o computador e a Internet possuem naturezas distintas, não são um único instrumento, e que usar bem as ferramentas que o computador oferece não significa usar a Internet com eficiência. A esse respeito, Pinho (2003, p.48) tece as seguintes considerações:

O termo *Internet* foi cunhado com base na expressão inglesa “INTERaction or INTERconnection between computer Networks”. Assim, a Internet é a rede das redes, o conjunto das centenas de redes de computadores conectados em diversos países dos seis continentes para compartilhar a informação e, em situações especiais, também recursos computacionais. As conexões entre elas empregam diversas tecnologias, como linhas telefônicas comuns, linhas de transmissão de dados dedicadas, satélites, linhas de microondas e cabos de fibra ótica.

O autor acrescenta que, a Internet equivale, concretamente, a uma *superestrada*, um caminho que conduz as informações de dados produzidos por milhões de computadores interligados, as quais viajam através aquele conglomerado de redes. O computador está a serviço da Internet, sendo o meio pelo qual esta se materializa.

Desse modo, os alunos utilizam uma *superestrada* de informação para realizar as atividades de leitura. Quanto a isso, Lévy (2000) pondera que, no texto virtual, localizado no espaço cibernético, as mensagens não são fixas, aliás, há inúmeras delas, e quem as utiliza toma uma direção ou outra, dependendo do seu interesse. O mais importante para o aluno compreender e para o professor ensinar em relação ao uso da Internet é que ela traz as informações em rede. Antes de sua existência, o conhecimento era depositado e imobilizado em enciclopédias e dicionários, que, embora continuem a armazenar e oferecer conhecimentos, esses instrumentos de uso - busca e leitura -, ao mesmo tempo em que permanecem, se transformam. Permanecem porque livros, enciclopédias e as formas de lê-los são tecnologias conquistadas e não desaparecerão; transformam-se porque permitem a sua própria superação mediante a criação de outros instrumentos e formas de ler pertencentes ao mundo da virtualidade, da superação e da mutação aceleradas.

Lévy (2000, p.14-15) esclarece que a verdadeira mutação processa-se em muitos aspectos:

Em primeiro lugar, não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e desdobrar diferentemente diante de cada

leitor. O segundo ponto é que tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel. O próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem. Dessa forma, o espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial. O terceiro ponto que, sem dúvida é o fato de estarmos assistindo a uma desterritorialização dos textos, das mensagens, enfim, de tudo o que é documento: tanto o texto como a mensagem se tornam uma matéria. Assim como se diz “tem areia” “tem água” se diz “tem textos”, “tem mensagens”, pois eles se tornam matérias como se fossem fluxos justamente porque o suporte deles não é fixo, porque no seio do espaço cibernético qualquer elemento tem a possibilidade de interação com qualquer outro elemento presente.

No ponto de vista do estudioso, é como se todos os textos constituíssem um só, um hipertexto, que também faz o papel de um autor coletivo e está em constante transformação. Os alunos precisam compreender bem a natureza da tecnologia utilizada para realizar a leitura do texto *on-line*, pois, em geral, concebem o mundo da leitura virtual com base nas referências que possuem do mundo gráfico impresso.

## 7. As buscas e os instrumentos

Estratégias de leitura não se referem a procedimentos estabelecidos como regras específicas para conteúdos concretos. Valls (1975 apud SOLÉ, 1998) esclarece que a estratégia, bem como o procedimento, também considerada como regra, destreza, técnica, método ou habilidade, ajuda a “[...] regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos” quando nos envolvemos com a leitura. Mas, o que diferencia as estratégias dos procedimentos

[...] é o fato de que não detalham ou prescrevem totalmente o curso de uma ação; o mesmo autor indica acertadamente que as estratégias são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. Sua potencialidade reside justamente nisso, no fato de serem

independentes de um âmbito particular e poderem se generalizar [...] Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem autodireção - a existência de um objetivo e a consciência de que este objetivo existe - e autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da responsabilidade de modificá-lo em caso de necessidade [...] As estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança. (p. 69-70).

A estratégia é utilizada de forma inconsciente pelo leitor, quando este entra em contato com as informações visuais e estas se conectam às informações armazenadas ao longo do tempo em sua mente. Sendo assim, compreendemos que ele lê o que lê na medida em que necessita aprender algo ou esclarecer dúvidas. Corroborando essa constatação, Arena (2003) julga que não lemos por hábito, gosto ou prazer, mas por necessidades geradas a partir das relações sociais que estabelecemos com outras pessoas.

Quanto ao processo de compreensão das informações, é condição imprescindível para tal que o leitor faça questionamentos dirigidos a si próprio e obtenha as respostas. Sobre o assunto, Teberosky (2003, p. 28-29) aponta a necessidade de o leitor, durante o processo de leitura, adotar um pensamento estratégico para a elaboração do significado: compreender o propósito da leitura; colocar na leitura seus interesses e suas motivações, assim como seus conhecimentos prévios; focalizar aquilo que é importante; avaliar a consistência interna do texto, sua adequação ao conhecimento prévio e o grau em que responde às expectativas geradas; comprovar em que medida compreende o texto por meio de recapitulação, revisão e indagação; elaborar e tentar inferências de diferentes tipos, como interpretações, hipóteses, antecipações e conclusões. Sendo assim, o aluno leitor, mediado pelo professor, vai testando essas estratégias e adquirindo cada vez mais autonomia.

A propósito do ato de ler propriamente dito,

[...] não existe uma correlação clara e definida para o ensino tão identificável como acontecia com os modelos anteriores. As propostas desse modelo que podem ser consideradas tributárias partem de uma visão de aproximação da leitura mediante a combinação de análise e síntese, que inclui o ensino explícito da decifração em contextos significativos, e admitem que é preciso continuar ensinando estratégias de leitura mesmo depois que o estudante aprendeu a ler. (p. 24-25).

Nessa perspectiva, não teremos um leitor pronto no final da escolaridade exigida, mas, sim, um leitor com uma atividade cognitiva complexa e capaz de se posicionar ativamente diante de um novo texto.

Durante a leitura, estabelece-se uma relação dialógica com o outro, o autor, tornando-se importante que, ao realizar uma busca pela Internet, o professor mostre aos alunos o caminho percorrido para encontrar o texto desejado, e eles, assim, passem a ter recursos para sua própria investigação.

Encontrar palavras-chave e, a partir delas, avaliar se continuam ou interrompem a leitura é uma boa estratégia para o leitor tanto do material impresso como do digital. A organização de informações que são geradas ao longo da vida constrói uma rede própria, que conduz a busca por leituras específicas. Não é possível para o outro, seja ele pesquisador ou professor, determinar qual palavra, indício ou texto despertará no outro a necessidade de leitura. Mas, é possível gerar leituras bem-sucedidas a partir dos interesses do leitor.

## Considerações finais

Discutimos os conceitos de instrumento e de ferramenta na perspectiva marxista; a relação dialética entre o homem e o instrumento de que ele se utiliza para mergulhar no mundo gráfico; e, também, a concepção de gênero na visão bakhtiniana, então como instrumento, e sua relação com o leitor em formação.

Conclui-se que o ato de ler é diverso em suas estratégias e potencialidades, consoante o suporte no qual o texto se apoia e o gênero do discurso em que se insere. Indicar um *site* para busca de informações pode impedir que o aluno entre em contato com a *World Wide Web* (*www*) para efetivar sua leitura e, desse modo, enfrentar todas as dificuldades ou diversidades que a rede oferece, porque o ato de selecionar o que ler já constitui uma das capacidades leitoras. Ao fazerem uso de um material que enriquece o conjunto de informações e permite a troca de idéias nos diálogos estabelecidos com textos diversos e relatos de experiências, os alunos têm aguçadas algumas importantes capacidades para o bom desempenho como leitor.

A Internet, em sua diversidade, pode ser considerada um instrumento potencialmente global relativamente recente, razão pela qual se torna complexo demonstrar a intensidade das mudanças no processo de evolução do modo de pensar do homem, enfim, no seu processo irrefreável de humanização. Por esse motivo, os alunos iniciantes no uso desse instrumento estão não apenas diante de uma ferramenta simples, de uso inconsequente, mas frente a frente com o que potencializa o uso dos demais instrumentos históricos já conquistados pelo homem, entre eles, a leitura.

## Referências

- ARENA, D. B. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, M. R. L. (Org.). **Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: JM, 2003. p. 53-61.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre o estatuto do leitor crítico. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: artes e técnicas, ciências políticas**. São Paulo: UNESP, 2006. p.409-422.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LÉVY, P. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, E. C. (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p.7-31.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- PARENTE, A. O hipertextual. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 10, p. 85-87, jun. 1999.
- PINHO, J. B. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 22-47.
- \_\_\_\_\_. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.
- TEBEROSKY, A. (Org.). **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

Recebimento em: 12/01/2009.

Aceite em: 30/06/2009.